

EDUCARE

EDUCERE

Ano XI - Especial 2006 - Outubro de 2006

ISSN nº 08 3-0504

o lúdico e a criatividade

II Encontro
das

Áreas Artísticas

na Educação

REVISTA DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE CASTELO BRANCO



O DESENVOLVIMENTO LÚDICO DA CRIANÇA ATRAVÉS DO FOLCLORE

*Luisa Reis**

Resumo: Tal como a língua e a história, o folclore, traduz a vontade do povo, os seus hábitos, costumes e tradições, exprimindo sentimentos e valores estéticos que muitas vezes influenciam as expressões mais elaboradas da cultura.

Pretende-se dar um contributo à divulgação do folclore da Beira Baixa, dando a conhecer uma pequena amostra caracterizando a canção popular, tradições, costumes, trajes populares, instrumentos musicais tradicionais, lendas, festas e romarias que poderão ter influência no desenvolvimento lúdico da criança.

Summary: As with language and history, folklore is a representation of the people's will, their habits, customs and traditions, it expresses feelings and aesthetic values that very often influence the more elaborate products of culture.

I wish to make a contribution to increasing people's awareness of Beira Baixa folklore, introducing you, briefly through examples, to popular song, traditions, customs, traditional clothes and musical instruments, legends, celebrations and festivals that could have an influence on the development of play in children.

1. BREVE HISTÓRIAL DO FOLCLORE

Decompondo a palavra na sua origem - folklore - obtemos as duas seguintes palavras de origem saxónica: folk (povo) e lore (tradição). Desta forma e a grosso modo, poderíamos definir folclore como a versão portuguesa da palavra inglesa folklore que significa, traduzindo à letra, "tradições do povo".

William John Thoms foi um dos primeiros arqueólogos e historiadores a reflectir sobre a questão das tradições espirituais, artísticas e religiosas, usos e costumes populares, expressões orais e artísticas, etc., enfim, toda uma série de dados ou documentos não palpáveis que caracterizam fortemente a cultura e personalidade de um povo, nação ou uma só região.

Foi este arqueólogo inglês William John Thoms, que ao referir-se num artigo às respectivas antiguidades populares, utilizou pela primeira vez a palavra folclore. Desde logo, passou a ser definida na Enciclopédia

* Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Britânica como nome genérico usado para referir aquelas crenças tradicionais, superstições, maneiras, usos e costumes do povo que persistiram desde os mais recuados tempos até aos nossos dias e os quais, fragmentariamente modificados ou em formas comparativamente imutáveis, têm continuado a existir.

2. CANÇÃO POPULAR

Segundo alguns autores, a música é criada pelo povo que a canta. No entanto, outros invocam que a música faz parte da herança proveniente dos nossos antepassados.

O povo apropria-se de músicas de que gosta, modifica-as a seu gosto, segundo a sua realidade social, hábitos e costumes. Assim, das antigas melodias, cria melodias novas, aproveitando-lhes só um fragmento a que o ritmo não é indiferente.

"Os cantares do povo transmitem-se, deslocam-se e transformam-se. A alma do povo, se sabe sentir, sabe também assimilar como nenhuma outra". Dias, Jaime Lopes (1971)

Exemplo destas transformações/modificações, efectuadas pelo povo a algumas músicas, são patentes na região da Beira Baixa, nomeadamente:

O tema "Carolina", de Aldeia Nova do Cabo, é "Namoro bem" em Escalos de Baixo; "Farrapeira", do Fundão, é "Chula" em Escalos de Baixo; "Pastorinha", em Aldeia Nova do Cabo, é "Marinheiro" em Idanha-a-Nova.

Fica claro que o povo realmente adapta, modifica e transforma algumas músicas de acordo com a sua vontade, hábitos e costumes da sua terra, fazendo-o muitas vezes através da modificação dos títulos, nomes e letras das canções.

Contudo muitas outras permanecem imutáveis.

3. TEMAS DA CANÇÃO POPULAR NA BEIRA BAIXA

A canção popular está relacionada com os mais variados temas, desde o trabalho, a moral do povo, o lazer, a pátria, etc. Contudo, duma forma ou

de outra, a canção popular na Beira Baixa está relacionada com o amor e a religião, características estas, partilhadas em termos gerais também pela canção popular portuguesa.

Da enorme variedade de temas que inspiram as canções do povo, fazem parte as canções do cancioneiro nacional que são cantadas pelas gentes da Região da Beira Baixa e de que damos alguns exemplos retirados da obra de Jaime Lopes Dias - Etnografia da Beira, volume IV. Assim:

- Relativamente à Pátria com a invocação de São Sebastião, o povo suplica cantando:

Mártir São Sebastião,
Meu santo Guerrilheiro,
Já que tendes virtude,
Defendei Portugal primeiro.

(Mártir São Sebastião)

- Quanto à Pátria vizinha o povo canta, criticando o povo espanhol:

Se os Espanhóis fossem humildes,
Como são os Portugueses,
Não andava a guerra em Espanha,
Como anda tantas vezes.

(Espanhola)

- No que respeita à mulher, e na tentativa de menosprezar a beleza física das mulheres de pele branca (símbolo de beleza e vaidade) e dar mais valor as mulheres de pele trigueira (símbolo de simplicidade e humildade), o povo canta:

Trigueirinha engraçada (bis)
Pela rua pode andar. (bis)
A branca desconsolada,
Em casa se deixe estar. (bis)
(Trigueirinha engraçada)

Morena não tenhas pressa,
Que a branca te venha ver,
As morenas engraçadas,
Deitam olhos a perder.

(Oh! Militar, Militar)

- Relativamente à mudança de atitude dalgumas pessoas em relação às suas ideias, o povo manifesta-se cantando:

Raparigas da Idanha,
Já não sou monárquico, sou republicano.
Precisam todas um tiro. (bis)
Com uma espingarda de beijos,
Já não sou monárquico, sou republicano.
Carregada de suspiros. (bis)

(sou republicano)

- Quanto à vida popular, são bastante elucidativas as críticas nas diferentes canções, quando se trata da "preguiça" pelo trabalho, maus casamentos, hábitos e costumes referentes à boa moral do povo:

Oh! José, José!
Que vida é a tua:
Comer e beber,
Passear a rua

(Cachené)

Murtinheira mal casada,
Que fazes ao teu marido?
Quando vem a minha casa,
Chora que nem um perdido.

(Murtinheira)

- No que concerne às profissões e trabalhos que caracterizaram a época, a população era pobre e vivia do trabalho do campo e das lides domésticas, o povo cantava:

Lavadeira, que lavas roupa,
Que lavas roupa, que a lavas bem...
Como hei-de lavar a roupa,
Se o sabão não chega bem?

(Lavadeira)

Pastorinha lá da serra,
Porque deixas o pastor?
Para que vais tão longe
Em busca de outro amor?

(Pastorinha)

- Tendo em conta a alguns ditados populares e crenças da época o povo cantava:

Cravo roxo à janela
É sinal de casamento.
Menina recolha o cravo,
Que seu casar inda tem tempo.

(Cravo Roxo)

- Se se tratar de temas de paródia, pequenas provocações salutaras entre homens e mulheres, o povo canta:

A cobra vai pela relva,
Julga que ninguém a vê.
Todos os homens são falsos, (1)
Também falo por você.

(Laranja da China)

(1) "Todas as mulheres são falsas", cantam os homens

- Relativamente ao melhoramento da civilização, extensão da electricidade até à Guarda, o povo canta:

Já trabalha o fio eléctrico
De Castelo Branco pr'a Guarda;

Escrevi ao meu amor,
A resposta já me tarda.

(Carinhosa)

- Se os temas são de cariz religioso, encontramos uma enorme diversidade de abordagens a santos e a Deus. Assim, como amostra, o povo cantava:

Ai! Viva o nosso, Ai! Viva o nosso,
Ai! Viva o nosso Santo Amaro,
Que está em frente de Santa Rita.

Para as casadas boa paz,
Para as solteiras boa fita.

(Santo Amaro)

Senhora Santa Luzia,
Mandai água, que não chove,
Secaram as searas todas,
Fica toda a gente pobre.

(Santa Luzia)

4. LENDAS, COSTUMES E TRADIÇÕES DE MAIOR RELEVO NA BEIRA BAIXA

Algumas das lendas originaram costumes, danças e cantares que se mantêm até hoje.

Relatamos alguns acontecimentos e a maneira que o povo encontrou para os comemorar e imortalizar, dando especial atenção às letras

cantadas, que explicitam grandemente o viver da população e as suas ideias.

4.1. NOSSA SENHORA DA PÓVOA (12KM PENAMACOR)

Segundo o relato dos antepassados, andavam dois pastorinhos a pastorear os seus rebanhos nos Brejos, sopé da Serra d'Opa (1500 metros da freguesia de Vale de Lobo), quando os cães que lhes serviam de protecção e auxílio arremeteram subitamente contra um silvado que vicejava junto a uma fonte (actualmente destruída pelo tempo).

Perante a grande agitação dos cães, seus fiéis animais, os pastorinhos desejosos de conhecer a causa de tamanho afrontamento, dirigiram-se ao local. Ao chegarem, ficaram estupefactos perante o que viram. Entre as agrestes silvas, brilhava uma pequenina imagem da Virgem Santíssima, encimada por uma auréola resplandecente.

Encantados com o fenómeno desta aparição, correram à povoação a relatar o sucedido. Então, o povo organizou uma procissão e conduziu solenemente a radiante imagem para a igreja da freguesia.

Porém, algo inesperado voltou a acontecer. A figura da Virgem Imaculada desapareceu da igreja, para pouco tempo depois reaparecer no silvado onde havia sido encontrada, como querendo eternizar o aprazível lugar.

O povo, perante a vontade insuperável da Virgem Maria, resolveu construir-lhe uma pequena ermida no local do seu aparecimento.

Nos fins do século XVIII, graças às esmolas que a Senhora recebia edificou-se a capela da Senhora da Póvoa, onde ainda hoje se venera a milagrosa Virgem Imaculada.

A festividade realizou-se, enquanto foi permitido, no domingo, segunda e terça-feira do Espírito Santo (Pentecostes), sendo uma das mais importantes de Portugal e das mais características da Beira Baixa.

Em homenagem à Santa, o povo canta assim:

Nossa Senhora da Póvoa, (bis)

Descei ao Vosso arraial; (bis)

Romaria como a Vossa (bis)

Não há em Portugal. (bis)

Nossa Senhora da Póvoa,

Onde ficais situada;

Num desvão da Serra de Opa,

Numa casa caleada.

...

(Senhora da Póvoa)

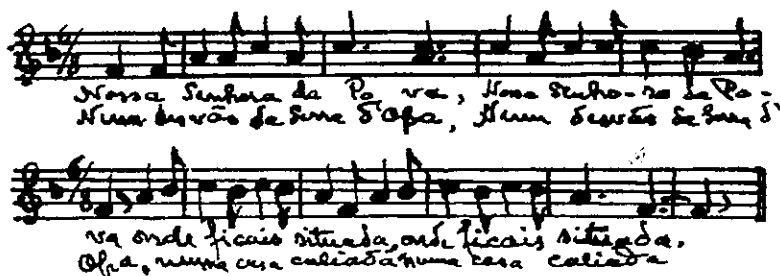


Fig.1- Música tirada para piano e canto da última quadra descrita. (Etnografia da Beira Vol I)

4.2. SENHORA DOS ALTOS CÉUS

A festa da Senhora dos Altos Céus da Lousa, distingue-se das outras festas e romarias da Beira Baixa pela sua originalidade e costumes próprios.

Conta a lenda que, em 1640, os campos das redondezas foram invadidos pela terrível praga de gafanhotos. O povo, perante os Santos que adorava na sua igreja, invocou a Senhora dos Altos Céus por quem

tinha a maior devoção.

Cheios de confiança que a Senhora atenderia as suas súplicas e a praga desapareceria, prometeram, em voto perpétuo, consagrar-lhe anualmente uma grande festa que se realizaria no terceiro domingo de Maio. Assim, começaram a cantar e a bailar no próprio dia da promessa.

Um homem já velho e sisudo, ao passar pelo local da dança, estranhou a prematura alegria e manifestando o seu descontentamento disse: "balhai, balhai que também os gafalhões balham nas vossas searas!". Irado, aborrecido e triste com o que considerava ser uma descabida satisfação dos seus conterrâneos, saiu da povoação e foi para o campo.

Ao chegar ao campo ficou perplexo, pois constatou que os terríveis insectos tinham desaparecido. Regressou imediatamente à povoação, contou o sucedido e incentivou todo o povo a dançar em louvor da Senhora dos Altos Céus, juntando-se também a bailar e a dançar.

Os "balhos" continuaram em grande alegria e nos anos seguintes as festas passaram a durar três dias. Ainda hoje, é notório o grande entusiasmo dos Lousenses pela adoração à Senhora dos Altos Céus, "Não há casa que naqueles dias não faça os seus busquétes e doces, que não abata a sua rês ou não vá ao talho, e não cozinhe o célebre prato de arroz de tripas para o almoço de domingo." Dias, Jaime Lopes (1944).

Actualmente, a população da Lousa encarrega uma comissão para a organização da festa sendo composta por um juiz (retirado por ordem de inscrição de uma lista composta pelas pessoas mais influentes da população), um tesoureiro e um escrivão (de escolha anual).

Dos festejos, faz parte a procissão com bandeiras, imagens e guiões expostos por todos os que fizeram promessa de as conduzirem. À noite, dá-se a realização das danças e descartes e na segunda-feira pelo meio-dia realiza-se a exibição de danças tradicionais (dança da genébres, das donzelas, das tesouras e os cantos em chacota).

Entre outras quadras, o povo canta:

Senhora dos Altos Céus,
 Não Vos peço outra coisa:
 Só a vossa protecção
 Pra todo o povo da Lousa.

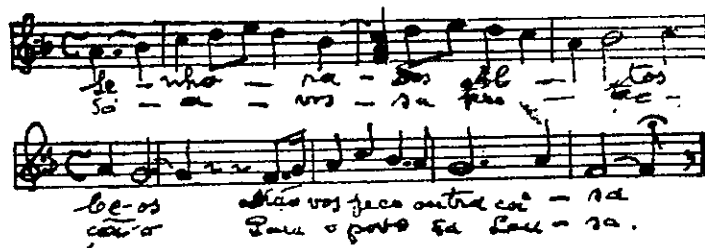


Fig.2- Musica tirada para piano e canto da última quadra descrita. (Etnografia da Beira Vol I)

4.2.1- AS DANÇAS DA LOUSA

Realizadas em honra da Senhora dos Altos Céus, são danças muito particulares e especiais, carregadas de simbolismo e tradição.

Destas, fazem parte as danças da genébres, das tesouras e das donzelas.

4.2.1.1- DANÇA DA GENÉBRES

Dos dez homens que a executam, seis vestem calças e casacos brancos, gravata, banda de seda encarnada à cintura, usam várias fitas de seda penduradas aos ombros. Na cabeça, usam um chapéu de forma cónica enfeitado com fitas, encontrando-se na parte superior um penacho de flores artificiais e penas brancas.

Três dos restantes elementos, os mais novos de idade, vestem-se de mulher usando saia e casaco branco. Usam uma rede preta de malha miúda e flores à cabeça com uma trunfa de cabelo na nuca (popa) e adornados com objectos de ouro e colares ao pescoço.

Um elemento é o mestre ensaiador (guardião) que traja de soldado e adornado com uma espada à cintura.

A genébres é tocada por um dos seis primeiros elementos e os outros restantes tocam as bandurras. Os três elementos que vestem de mulher, tocam pandeiros e, à ordem do guardião, formam em linhas de três ficando no centro. Dá-se assim, o início da dança ao som da genébres acompanhada pelos pandeiros e bandurras.

De seguida, todos os tocadores batem com os pés, acompanhando os sons dos instrumentos musicais (genébres, pandeiros e bandurras). Dão voltas e meias voltas, deslocam-se ora os homens, ora as mulheres sempre em compassos certos de dança e contradança. De roda em roda trocando de lugares quando se encontram as mulheres (homens) em frente aos homens, o da genébres simula o arrastar da asa do galo à galinha e, saltitando ao ritmo da música, rouba a dama a um dos companheiros ou, no caso de alguma rapariga estranha à dança se aproximar, esta será também incluída no "arrastar da asa pelo galo".

O guardião ou mestre ensaiador, coloca-se em frente ao grupo e ao som do último compasso desembainha a sua espada. Neste momento, os tocadores suspendem a música, retomam os seus lugares iniciais e a dança é dada por terminada, após todos fazerem uma vénia.

4.2.1.2- DANÇA DAS TESOURAS

A dança pode ser realizada por um grupo de oito, dez ou doze homens, alguns rapazes de dez a quinze anos e um homem de idade mais avançada (velho jovial e folgazão da população).

Os homens e o velho vestem de cotim, usando um lenço branco em volta da cabeça e munidos de uma tenaz que simula uma tesoura. Os rapazes apresentam casacos vestidos das avessas simulando serem carneiros.

No início da dança, os homens formam duas fileiras, frente a frente e os rapazes (carneiros) colocam-se no centro, ficando entre eles.

Enquanto simulam a tosquia, os homens batem com as tenazes e cantam versos apregoando à Senhora dos Altos Céus:

...

Senhora dos Altos Céus
Que estais nessas alturas,
Virai para cá o rosto,
Não nos deixeis às escuras

...

Posto isto, os rapazes respondem em coro:

Meeé!

...

Enquanto dançam e bailam, os rapazes vão passando por entre as filas dos tosquiadores acorados, debruçados ou dando pequenos saltos imitando carneiros. Em volta do grupo, o velho, dono do rebanho, vai dizendo graças parodiando:

- Não estou satisfeito com a tosquia.
- Já estou farto de dar pó moreno (para tratar as tesouradas que atingem o coro cabeludo dos animais)
- Vamos lá ver se essas ferramentas estão bem afiadas.

No decorrer da dança, o velho estende um pau por entre as filas dos homens e passa pelo meio, aos saltinhos, acompanhando o coro destes, que lhe vão aplicando tesouradas nos membros e nas orelhas enquanto ele passa por eles.

Barafustando o velho com os tosquiadores por estes não terem as tesouras afiadas, diz:

- Assim não me convém.
- Vamos lá a aguçar essas tesouras

Ao que os tosquiadores respondem, simulando aguçar as tenazes no pau que o velho carrega e lhes estende.

A dança termina com o velho a dizer:

~ ~ ~

- Vão para o diabo que os carregue. Não estou para vos aturar!

(Etnografia da Beira, Vol I)

4.3. ALVÍSSARAS

É pela altura da Quaresma que grupos de raparigas (e algumas vezes também rapazes) cantam versos alusivos à Ressurreição de Jesus Cristo em frente à porta da Igreja, de capelas ou do pároco. A este ritual chama o povo cantar ou dar as Alvíssaras.

O dia e o local onde são dadas Alvíssaras, varia consoante a localidade. Contudo, realizam-se sempre Sábado de Aleluia ou Domingo da Ressurreição.

Segundo a tradição, após receber as alvíssaras o pároco distribui pelos grupos amêndoas, passas ou tremoços.

Na aldeia de Escalos de Baixo, as alvíssaras são cantadas durante toda a noite de Sábado de Aleluia à porta da Igreja matriz, das capelas e da residência do Vigário. Este, em sinal de agradecimento e como tradição, distribui tremoços e amêndoas pelo grupo.

Na aldeia de Lourical do Campo, as Alvíssaras são cantadas por grupos de rapazes e raparigas, que acompanham a música com adufes. São cantadas no Sábado de Aleluia em frente à porta do pároco e na noite de Domingo à porta das casas das principais famílias. Em recompensa recebem amêndoas, passas, tremoços, vinho, etc.

Tanto a música como a letra, apresentam diferenças, de localidade para localidade, como poderemos constatar nos excertos seguintes retirados da Etnografia da Beira, vol. I.

Já os campos florescem,
E o rosmaninho tem flor,
Já os passarinhos cantam
A Ressurreição do Senhor.

(Idanha-a-Nova)

Acorde, Senhor Vigário,
Ponha o pé na escadinha,
Venha a dar as boas festas
Ao ranchinho d'Alpedrinha.

(Alpedrinha)

4.4. ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS

Em várias localidades da Beira Baixa, grupos de mulheres, nos sítios mais elevados das povoações ou no campanário da Igreja, cantam o que chamam de Encomendação das Almas. Estes cantos, são entoados de uma forma muito melancólica e os versos variam de localidade para localidade. Assim, o povo canta em Idanha-a-Nova e Vale de Lobo:

As almas do Purgatório
Já gritam em altas vozes
Co'as mãos postas ao céu:
Irmãos, lembrais-vos de nós.

...

Lá em cima ao Calvário
Está um craveiro à cruz,
A água com que o regam
É o sangue de Jesus.

...

(Etnografia da Beira, Vol I)

5. INSTRUMENTOS MUSICAIS TRADICIONAIS DA BEIRA BAIXA

5.1. O ADUFE



Fig. 3 - Adufe

O adufe é um instrumento musical tradicional de grande representação na Beira Baixa, nomeadamente no distrito de Castelo Branco, podendo ser visto em lugares de destaque nas salas ou corredores das casas beirãs.

Podemos caracterizar o adufe como um instrumento de percussão, atonal, que não afecta as tonalidades das melodias que acompanha, conservando ritmos complexos e expressivos. Deve ser tocado através da subtil combinação das duas mãos, com os dedos muito soltos. A mão esquerda sustenta-o e a direita executa os batimentos. É tocado essencialmente por mulheres.

Mas, não é só nas festas e solenidades meio religiosas, meio pagãs, que o adufe é utilizado. Muitas vezes, aparece em simples entretenimentos de rua ou acompanhando trabalhos e canções rurais como nas ceifas, nas esfolhadas do milho e no regresso da colheita da azeitona.

5.2. BOMBO DE ZÉ-PEREIRA



Fig. 4 - Bombo de Zé-Pereira

Bombos de grandes dimensões, têm influências de zonas litorais, encontrando-se sobretudo na zona do Fundão.

Os bombos transportam-se a tira-colo, quase verticalmente apoiados sobre o joelho direito do tocador, que o levanta a cada passo que dá, para que desta forma vá aliviando o seu peso.

5.3. ACORDEÃO E CONCERTINA

Instrumentos que animam festas de menor importância.



Fig. 5 - Acordeão

Nas romarias, é usual a presença de acordeões e concertinas acompanhando os ranchos das aldeias, nas danças e cantares de carácter profano, sendo também associados aos coros que cantam as alvíssaras.

Actualmente, os acordeões e concertinas predominam nos grupos folclóricos em substituição da viola, mas principalmente em substituição do tradicional e quase extinto harmónio ou realejo, conhecido pelo povo como gaita de beijos.

5.4. GENÉBRES



Fig. 6 - Genébres

Como instrumento único da região de Castelo Branco, mais propriamente da Lousa, surgiu com a dança da genébres em homenagem à Senhora dos Altos Céus.

A genébres é um instrumento usado ao pescoço, como um colar, pendurada por uma correia de couro que liga os paus.

Fazendo lembrar um xilofone, a genébres é constituída por uma série de paus cilíndricos, maciços de tamanho crescente de cima para baixo, terminando por uma correia de couro que forma uma argola.

Para a fazer tocar, o homem que a transporta afasta-a do corpo com a mão esquerda, segurando-a pela correia em baixo (argola) e com a mão direita bate com a baqueta correndo todos os paus, de cima para baixo e vice-versa.

5.5. CASTANHOLAS



Fig. 7 - Castanholas

Na Beira Baixa este instrumento, com origem na arte pastoril, é bastante significativo chamando-se vulgarmente por carchanetas ou carchanolas.

Utiliza-se uma em cada mão, sobre a palma ou polegar, presas ao dedo médio, ao anelar ou então aos quatro dedos por uma fita.

5.6. BANDURRA OU VIOLA BEIROA

Viola popular portuguesa praticamente desaparecida, é característica do Distrito de Castelo Branco. Apresenta um aspecto

rústico com grande profusão de motivos ornamentais, pode ser encontrada em ocasiões cerimoniais como na dança da genébres.



Fig. 8 - Bandurra ou viola beiroa

É usada sobretudo na zona arraiana em acompanhamento a descantes festivos nomeadamente nos parabéns e serenatas aos noivos e nas vésperas e noite da boda.

5.7. FLAUTA TRAVESSA



Fig. 9 - Flauta travessa

Instrumento característico da Beira Baixa é também de origem pastoril. É utilizada como passatempo individual e, em ocasiões festivas e cerimoniais, é utilizada no coro das alvíssaras na Póvoa da Atalaia.

É tocada com ambas as mãos, a direita é colocada mais à ponta. Os dedos mínimos e polegares, servem para apoiar a flauta.

5.8. ZAMBURRA OU SARRONCA



Fig. 10 - Zamburra ou Sarronca

Como instrumento muito primitivo, pertence à categoria muito peculiar de instrumentos membranofones de fricção.

É composto por uma caixa de ressonância tapada por uma pele de cabra (ovelha ou carneiro) esticada formando uma membrana de vibração.

Para que o som saia da zamburra, faz-se fricção com a mão sobre a haste em ambos os sentidos. A fricção torna-se mais áspera se a haste for esfregada com cera virgem.

6. TRAJOS POPULARES TRADICIONAIS DA BEIRA BAIXA

O traje popular, como importante património cultural, reflecte os usos e costumes do povo ao longo dos tempos. Daqui, a importância no preservar e defender todo o património que de uma forma objectiva nos dá através do olhar (observação), a noção de como vivia a população em épocas passadas.

Através das matérias utilizadas no fabrico dos trajes (de origem caseira) e das suas características próprias, constatamos que contemplam grandemente as actividades rurais.

6.1. O TRAJO DE MULHER

O trajo da mulher era composto por uma camisa leve e folgada na gola, com mangas até meio dos braços.

Por cima da camisa, usavam o colete ou estopinha bem justo ao corpo pronunciando o busto.

Sobre o colete, colocam o chambre ou casaquinha (casaco curto), adornado de botões de vidro, louça ou metal, com um pequeno folho ou aba (debrum em redor da cintura).

Usa saia sempre rodada, de sete panos e pregueadas na cintura. A saia de cima (levantada para tapar a cara em caso de luto), a saia branca com folhos (branca anágua) que estabelece a harmonia entre a cintura e as ancas, colocando por cima, os saiotes pregueados de cores vivas.

Sobre a saia, geralmente, usa o avental para os trabalhos domésticos ou para manifestações de luxo em dias festivos, apresentando bordados neste último caso.

O lenço é um acessório sempre presente no trajo das mulheres, podendo ser de lã ou seda nos dias festivos. A mulher usa-o de várias formas, consoante a ocasião. Assim, ao pescoço conhecido por cachené, dobrado em três pontas e colocado sobre da cabeça ficando atado por baixo do queixo, na apanha da azeitona ou nas mondas o lenço era atado da nuca ao queixo, nas eiras o lenço era colocado de forma a tapar a boca e o nariz.

Em dias de Gala (domingos ou dias festivos) ou simplesmente em dias quentes, as mulheres mais novas apresentavam-se de cabelo solto sem lenço.

Também na cabeça, era usada a capucha de lã ou a mantilha de pano fino ou seda. Na zona da serra do Moradal, predominava a capucha ou gaboa curta feita de saragoça ou burel, rodada com capuz de bico redondo (Sarzedas) ou bico aguçado (Oleiros) e sem capuz por vezes debruada de veludo (Idanha-a-Nova e Benquerença).

Com as meias de algodão, feitas a duas agulhas, usavam ligas elásticas para que ficassem bem esticadas.

As combinações (roupa interior) compridas até aos tornozelos, eram bordadas no peito e nas mangas, terminando com uma faixa de renda.

Sobre o vestuário era usado um xaile em lã, merino ou seda. O xaile de franja, era dobrado em três pontas e colocado de forma a cair pelas costas. Na apanha da azeitona, época de frio, era atado pelas pontas passando por baixo dos braços e pelas costas. Em dias de festa, era dobrado em rectângulo, dando um ar mais senhoril à pessoa que o usava.

A classe social superior usava a mantilha de pano preto, em lã ou em seda, em lugar do xaile. A mantilha parte superior, era armada em cartão a fazer bico (nalgumas povoações era cortada em bico para as mulheres casadas e redondo para as solteiras) e a envolver a cabeça, quase tapando o rosto e caindo até aos joelhos. O uso da mantilha era obrigatório nos actos solenes da igreja e nas grandes festas (confissão, missa, funeral, casamento, etc.).

Os sapatos usados eram de pele de bezerro ou vitela, abotinados ou apertados com correias de cabedal ou cordões de algodão. Para além destes, usavam também chinelas.

Como complemento ornamental usavam brincos, que eram colocados nos primeiros dias de vida após as mães furarem as orelhas às filhas. O uso de gargantilhas, colares de contas, grilhões com cruz, amuletos, etc. só era autorizado quando se atingia a puberdade.

Na gola do chambre usavam amuletos decorativos ou ainda fotografia (retratos de pessoas da família).

6.2. O TRAJO DE HOMEM

O traje do homem é mais simples que o da mulher, pois tem menos variação de moda de região para região.

Usavam camisas de linho ou de pano-cru, sem colarinho ou com os colarinhos virados e ainda um peitilho preto sobreposto na camisa quando andavam de luto. Nos trabalhos de verão andavam em mangas de camisa.

Sobre a camisa, apresentava o colete mais ou menos abotoado, com duas idas de botões garridos, de vidro, com bolsos para a corrente de prata do relógio e dinheiro. Em Idanha-a-Nova, o forro ou costas era feito de retalhos de maranhas ou acréscimos de cobertores de lã de cor amarela, vermelha ou verde.

No seu vestuário, destaca-se a jaqueta ou véstia, o colete e a calça. Todas estas peças feitas em burel, estamenha, serrubeco ou saragoça. A proteger o fato durante os trabalhos, os galhões, os pastores, os ceifadores, os gadanheiros, etc., utilizavam os safões de peles de ovelha ou cabra, apertados sobre as calças.

As ceroulas, também de pano-cru, têm atilhos que apertam nos tornozelos ou fitas para atarem as peúgas.

Usavam na cabeça, vários tipos de chapéus, consoante a época e o local. Assim, nos trabalhos de verão, na ceifa, eram usados chapéus de palha, conhecidos por sombreiros; eram usados os chapéus de lã, produzidos em Alcains (Chapéus de Alcains), Fundão e Cernache do Bonjardim; era usada ainda na estação mais fria, a garruça ou carapuça, de lã, de cor preta, com uma borla no cimo.

As meias de lã ou algodão de uma só cor, eram utilizadas só aos domingos ou em dias festivos. Feitas a duas agulhas, eram elaboradas pelas mulheres.

A cinta de lã preta, com franja e enrolada em volta do corpo passando no cóis das calças, era usada nos domingos e dias festivos como sinal de luxo.

Como agasalho e protecção da chuva, cobriam-se com o capote ou gabão de lã, sendo o seu uso obrigatório em dias de relevo, nomeadamente, casamento, luto, nas festas, etc.

Como ornamentos, faz uso dum lenço bordado a espiguinha, no bolso da jaqueta ou véstia, com uma ponta para fora apresentando uma inscrição a letras garridas de dois corações entrelaçados. Também o relógio como ornamento, é exibido conjuntamente com a grande correia de prata que sai das casas do colete para os bolsos.

6.3- TRAJO DE CRIANÇA

As crianças usavam cueiros, de linho e quadrados e as baetas ou envoltas de lã eram debruadas ou bordadas.

Os bibes ou babadouros eram usados à medida que as crianças iam crescendo.

Na cabeça usavam toucas, protegendo do frio e do calor, e nos pés botinhas de malha de lã, apertadas por cordões também em lã.

Quando começam a andar, as crianças usam calças com alças que pendem dos ombros até à cintura. As calças são abertas entre as pernas e sem quaisquer botões, para assim facilitar a execução das necessidades da criança. Devido a esta característica, eram denominadas na linguagem popular, por calças de cu aberto.

7. A IMPORTÂNCIA DO FOLCLORE NO DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA

7.1. CONTRIBUTOS DO FOLCLORE PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O folclore, como actividade rítmica e expressiva que é, contribui para a manutenção dos mecanismos vitais e para o prazer na realização da actividade visando, assim, o desenvolvimento da criança a nível de capacidades anátomo-fisiológicas e psico-motoras básicas, a descoberta das suas capacidades, a imaginação e a criatividade.

Todas estas componentes são importantes para o equilíbrio da criança no seu complexo psico-físico, pois que, com este aspecto prende-se todo o desenvolvimento motor da criança a nível da flexibilidade, força, coordenação, agilidade, destreza, equilíbrio, tempo de reacção, tempo de execução e duração, ritmo, noção espaço-temporal, entre outros.

O folclore contribui assim, para uma melhoria no desenvolvimento da criança relativo à:

- Coordenação dinâmica geral, visando o enriquecimento das reacções

das crianças aos problemas que no plano da motricidade lhe são propostos, favorecendo o ajustamento do conjunto das partes do corpo, face a uma situação a resolver (saltos, saltitares, marcha, passos rítmicos);

- Estruturação do esquema corporal ou imagem corporal, que, segundo Le Boulch, é considerada como uma intuição do conjunto ou um conhecimento imediato que temos do nosso corpo, quer no estado estático ou dinâmico, da relação entre as diferentes partes do corpo entre si e sobretudo das relações com o espaço e os objectos que nos cercam, contribuindo para o desenvolvimento da consolidação da lateralidade, para a tomada de conhecimento das diferentes partes do corpo e da globalidade das atitudes associadas aos deslocamentos segmentares e respectivas associações;

- Percepção do espaço e de estruturação espaço-temporal que constituem a base "construção" do espaço, a orientação e localização de si e dos objectos no espaço, apreciação das distâncias, trajectórias e velocidade, não deixando de realçar a cooperação com as outras crianças em grupo;

- Reconhecimento de ritmos simples e da estrutura rítmica, pois desenvolve-se a percepção e reconhecimento de ritmos simples, o valor das notas, resposta aos mesmos ritmos reproduzindo-os por batimento, noção de frase musical e sua medida, além da sua interpretação através do movimento (criatividade);

- Reconhecimento dos acentos e regularidade dos tempos, sendo o seu desenvolvimento importante no reconhecimento dos tempos fortes e fracos e a sua reprodução através do movimento, a noção de andamento, silêncio e consciencialização do movimento durante o silêncio musical;

- Os modos rítmicos que vão favorecer a coordenação entre movimentos e música (ritmo, compasso, tempos, sub-divisão).

Para o desenvolvimento de todas estas componentes é importante a adequação da metodologia a aplicar, pois desta depende o êxito da aprendizagem.

Na metodologia de trabalho, é indispensável a introdução racional

dos elementos de base, acompanhamento musical ou ritmo adequado e a integração das crianças na tarefa a desenvolver.

Devem proporcionar-se às crianças situações variadas e estimulantes que lhe facilitem o conhecimento de si próprio e contribuam para a sua educação corporal e rítmica.

Não podemos esquecer a importância que tem para a criança, saber servir-se do seu corpo, controlar os seus movimentos, conhecer e sentir os elementos fundamentais da música, nomeadamente o ritmo. A criança deve sentir e viver o movimento para sua melhor integração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DIAS, Jaime Lopes (1944). *Etnografia da Beira- Lendas, costumes, crenças e superstições*, Vol. I, 2ª Edição. Lisboa
- DIAS, Jaime Lopes (1964). *Etnografia da Beira- O que a nossa gente canta*, Vol. II, 2ª Edição. Lisboa
- DIAS, Jaime Lopes (1971). *Etnografia da Beira- O que a nossa gente/Antologia do cancioneiro musical da beira baixa*, Vol. IV, 2ª Edição. Lisboa
- DIAS, Jaime Lopes (1953). *Etnografia da Beira- Habitação, Contos e Lendas, Costumes, Industrias, Tradições, Crenças e Superstições, Vária, Cancioneiro*, Vol. V III. Lisboa
- Dias, Jaime Lopes (1963). *Etnografia da Beira- Contos, Lendas, Mitos e Narrativas, Costumes, O traje, Os penitentes, Tradições, Crenças e Superstições, Notas etnográficas e Históricas*, Vol. IX. Lisboa
- DIAS, Jaime Lopes (1970). *Etnografia da Beira- Alimentação, Contos e Narrativas, Costumes, Vida Agrícola, Crenças e Superstições, Cancioneiro, Notas Etnográficas e Históricas*, Vol. X. Lisboa
- MARCELO M. Lopes (1993). *Beira Baixa- A memória e o olhar*. Lisboa: Editorial Presença.
- RIBAS, Tomás (S/D), *Etnologia- Parte 2*
- REIS, L. & XAVIER, R. (2003). O Folclore na Beira Baixa, A canção Popular. Lendas, costumes e tradições. Os instrumentos musicais e o traje, in *Revista do Departamento de Educação Física*. Nº5 de Junho de 2004, E.S.E. - I.P. Castelo Branco. - Dep. Ed. Física e Artística.
- REIS, L. & FERNANDES, M. & ALMEIDA, R & PAULO, R (2004). O Folclore perto de nós - Os instrumentos, as Canções Populares, as Danças e trajes utilizados, in *Revista do Departamento de Educação Física*. Nº6 de Janeiro de 2005, E.S.E. - I.P. Castelo Branco. - Dep. Ed. Física e Artística.